



Indicadores do agronegócio do RS: exportações e emprego formal no 1.º semestre de 2021

O Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) atualiza as estatísticas de exportação e de emprego formal celetista do agronegócio do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os dados brutos têm como fonte o Sistema Comex Stat e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

A produção das estatísticas é inspirada no conceito do agronegócio, que, além da agropecuária, abrange a produção de insumos e de bens de capital para a agropecuária, a indústria de transformação de matérias-primas agropecuárias e as atividades especializadas na oferta de serviços agropecuários e na armazenagem e distribuição dos produtos do agronegócio. Em seguida, são apresentados os principais resultados do Rio Grande do Sul, referentes ao segundo trimestre e ao primeiro semestre de 2021, comparativamente a igual período do ano anterior.

Para a análise das informações do emprego formal, cabe ressaltar que, a partir de janeiro de 2020, a captação de dados do Caged passou a ocorrer por meio do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial), dando origem ao que se convencionou chamar de “estatísticas do Novo Caged”. As diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e as do eSocial podem afetar a comparabilidade das séries históricas, mas constituem as únicas informações disponíveis para o acompanhamento mensal e desagregado da dinâmica setorial do mercado de trabalho formal no Rio Grande do Sul¹.

1 Exportações

1.1 Exportações no segundo trimestre de 2021

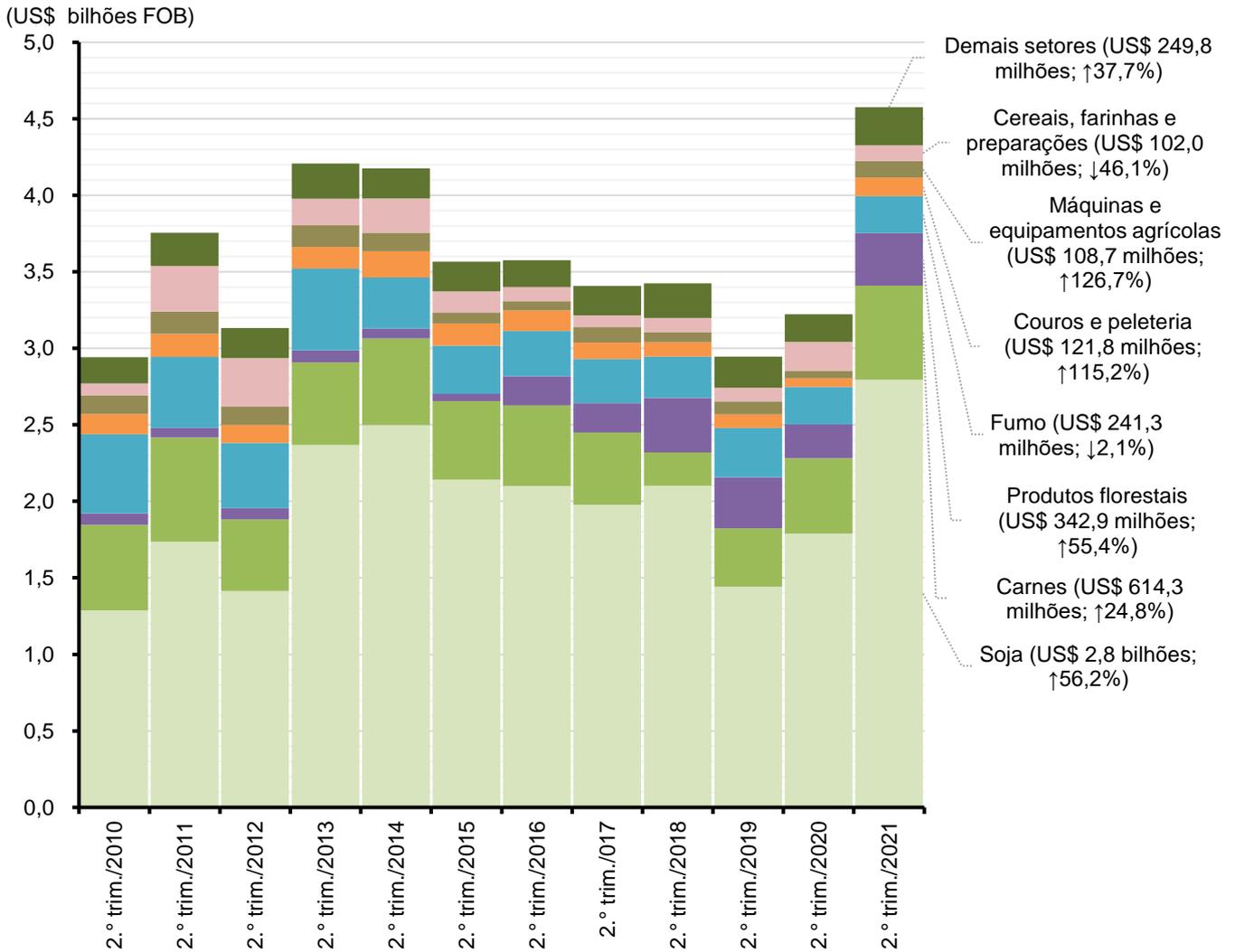
As exportações do agronegócio gaúcho totalizaram US\$ 4,6 bilhões no segundo trimestre de 2021, o que corresponde a 76,1% das exportações totais do Rio Grande do Sul. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, ocorreram expressivos crescimentos no valor (42,0%), nos preços médios (29,0%) e no volume embarcado (10,0%). Em termos absolutos, o incremento nas vendas externas foi de US\$ 1,4 bilhão.

¹ Para maiores informações sobre as diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e do Novo Caged, ver: BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria de Trabalho. **Substituição da captação dos dados do Caged pelo eSocial**. [Brasília, DF]: Ministério da Economia, 2020. (Nota Técnica). Disponível em: http://pdet.mte.gov.br/images/Novo_CAGED/Nota%20t%C3%A9cnica%20substitui%C3%A7%C3%A3o%20CAGED_26_05.pdf. Acesso em: 3 ago. 2020.



Gráfico 1

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2.º trim. 2010-21



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).

O volume embarcado no segundo trimestre foi recorde, o maior de toda a série histórica iniciada em 1997, enquanto o valor exportado só não foi maior que o verificado no terceiro trimestre de 2013, auge do último ciclo de alta dos preços das *commodities* para as exportações do RS. Os principais setores exportadores do agronegócio no segundo trimestre de 2021 foram: soja (US\$ 2,8 bilhões), carnes (US\$ 614,3 milhões), produtos florestais (US\$ 342,9 milhões), fumo e seus produtos (US\$ 241,3 milhões), couros e peleteria (US\$ 121,8 milhões), máquinas e equipamentos agrícolas (US\$ 108,7 milhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 102,0 milhões). Esses setores concentraram 94,5% do valor exportado no trimestre.

O resultado positivo do trimestre foi determinado pelo crescimento nas exportações de soja (mais US\$ 1,0 bilhão; 56,2%), de produtos florestais (mais US\$ 122,3 milhões; 55,4%) e de carnes (mais US\$ 121,9 milhões; 24,8%). Contrariando a tendência de crescimento no trimestre, o setor de cereais farinhas e preparações apresentou a maior queda absoluta no trimestre (menos US\$ 87,1 milhões; -46,1%), concentrada no arroz (menos US\$ 99,5 milhões; -55,0%).

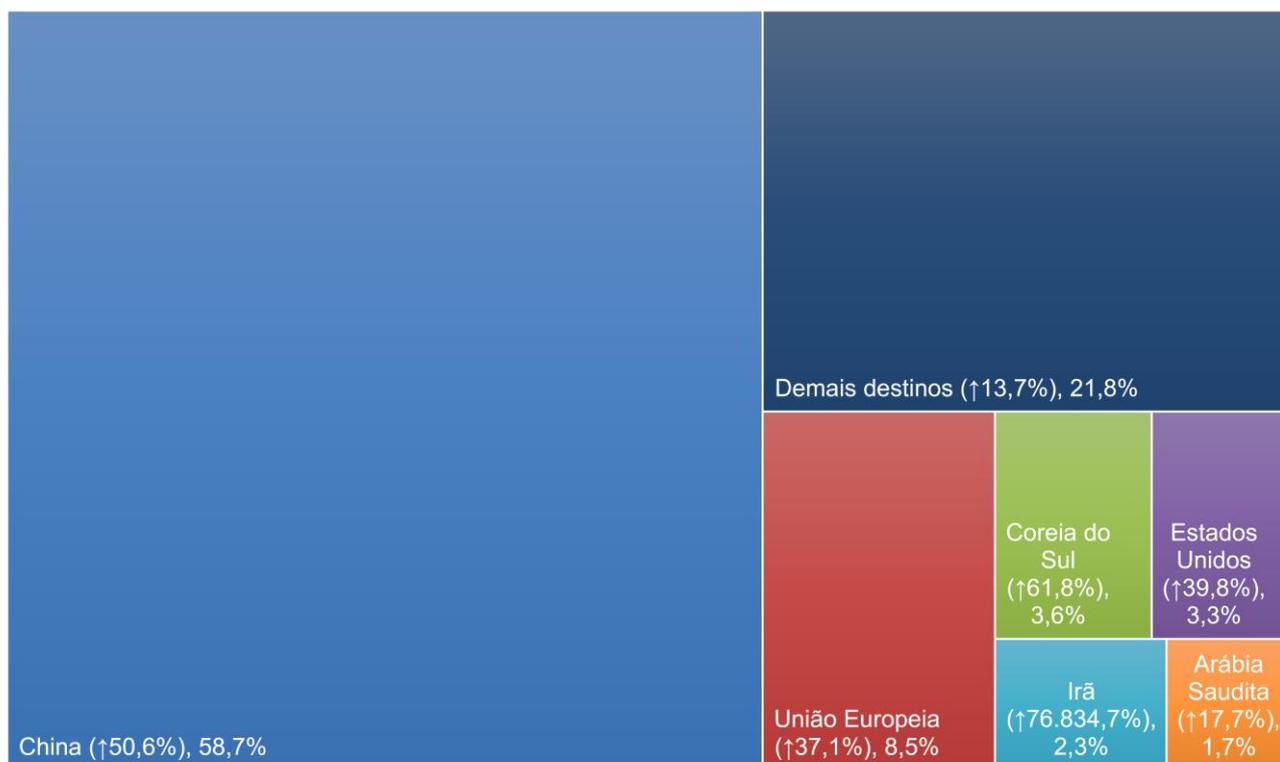


No caso do complexo soja, o crescimento ocorrido no segundo trimestre de 2021 é explicado pela elevação nas vendas externas do grão (mais US\$ 788,7 milhões; 52,0%), do farelo (mais US\$ 145,7 milhões; 65,8%) e do óleo (mais US\$ 71,8 milhões; 138,8%). Já no setor dos produtos florestais, que apresentou a segunda maior elevação absoluta no trimestre, o desempenho deveu-se à elevação nas exportações de celulose (mais US\$ 63,0 milhões; 41,9%) e de madeiras em bruto e manufaturas de madeira (mais US\$ 56,4 milhões; 87,3%). O desempenho positivo no setor das carnes deveu-se à expansão nas vendas externas da carne de frango (mais US\$ 90,6 milhões; 42,0%) e, em menor medida, da carne suína (mais US\$ 45,1 milhões; 26,7%). As vendas de carne bovina retraíram-se 17,3% no trimestre.

Os principais destinos das exportações do agronegócio gaúcho no segundo trimestre de 2021 foram: China (58,7%), União Europeia (8,5%), Coreia do Sul (3,6%), Estados Unidos (3,3%), Irã (2,3%) e Arábia Saudita (1,7%). Esses destinos concentraram 78,2% do valor exportado no trimestre. Entre os destinos, a China foi responsável pelo maior crescimento absoluto no valor das exportações gaúchas do agronegócio (mais US\$ 903,1 milhões; 50,6%). Na sequência, a União Europeia (mais US\$ 105,6 milhões; 37,1%) e o Irã (mais US\$ 105,2; 76.834,7%) apresentaram, respectivamente, a segunda e a terceira maiores elevações absolutas no trimestre. Contrariando a tendência de crescimento no trimestre, Cuba apresentou a maior queda absoluta (menos US\$ 24,2 milhões; -85,9%), concentrada no setor de cereais, farinhas e preparações, notadamente o arroz.

Gráfico 2

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 2.º trim./2021



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).

Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no segundo trimestre de 2021, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor no segundo trimestre de 2021, comparativamente a 2020.

O crescimento nas vendas para a China concentrou-se na soja em grão (mais US\$ 750,1 milhões; 51,1%). Em menor grau, o óleo de soja (mais US\$ 44,1 milhões; 165,8%), a celulose (mais US\$ 36,3



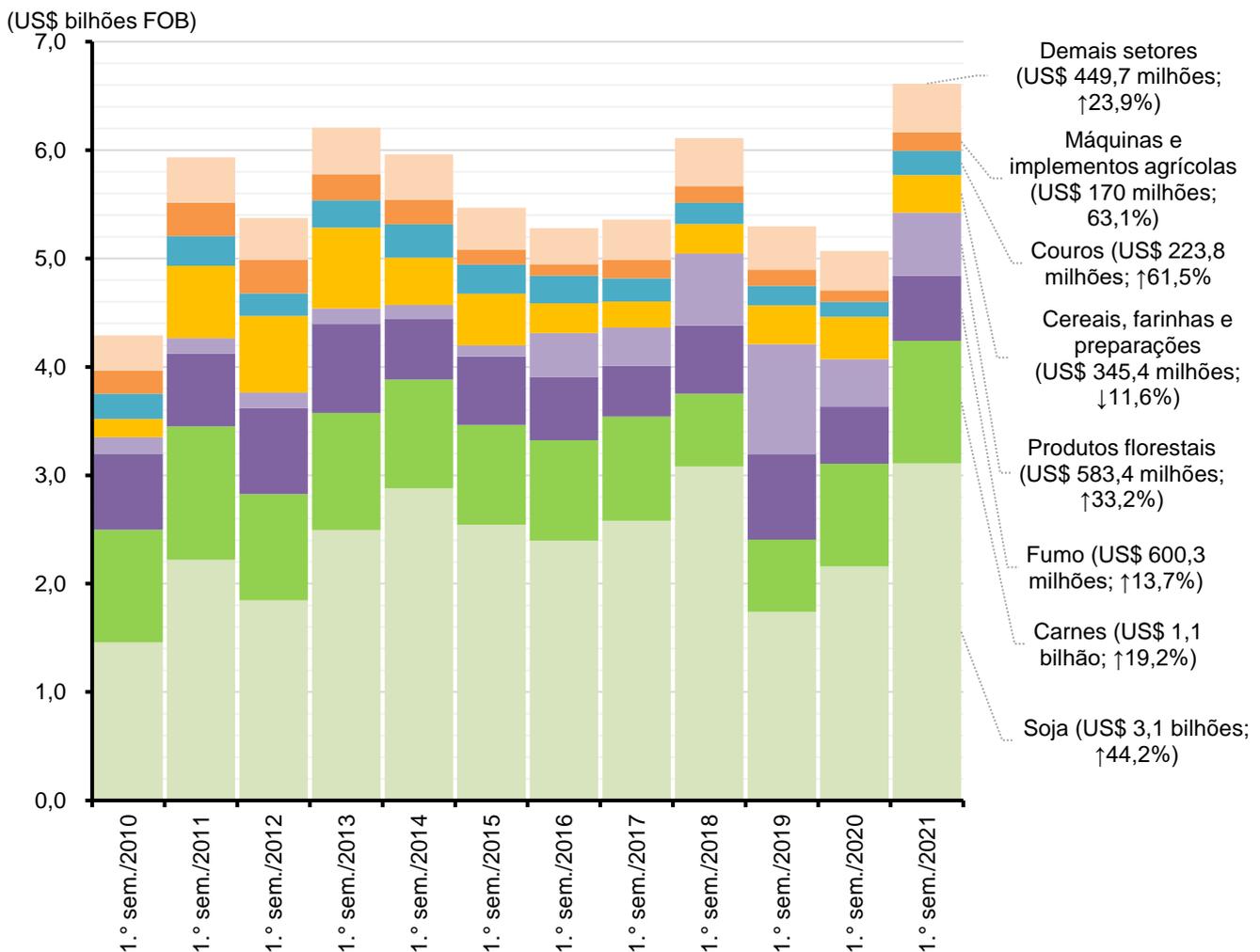
milhões; 84,8%) e a carne suína (mais US\$ 35,2 milhões; 26,2%) também colaboraram para o crescimento. Para a União Europeia, o farelo de soja (mais US\$ 30,8 milhões; 29,9%) e a celulose (mais US\$ 21,0 milhões; 113,5%) puxaram a alta no trimestre. Já o Irã, que, no segundo trimestre de 2020, nada comprou do complexo soja do Estado, retornou com força no segundo trimestre de 2021 (mais US\$ 105,4 milhões).

1.2 Exportações no primeiro semestre de 2021

As exportações do agronegócio gaúcho no primeiro semestre de 2021 totalizaram US\$ 6,6 bilhões, o que corresponde a 72,5% das exportações totais do Rio Grande do Sul no período. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, ocorreram crescimentos no valor (30,5%), nos preços médios (22,0%) e no volume embarcado (6,9%). Em termos nominais, o valor exportado no acumulado de janeiro a junho é o maior de toda a série histórica iniciada em 1997, assim como o volume embarcado. Em termos absolutos, o crescimento do valor exportado foi de US\$ 1,5 bilhão.

Gráfico 3

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º semestre 2010-21





Os cinco principais setores exportadores do agronegócio no primeiro semestre de 2021 foram: complexo soja (US\$ 3,1 bilhões), carnes (US\$ 1,1 bilhão), fumo e seus produtos (US\$ 600,3 milhões), produtos florestais (US\$ 583,4 milhões) e cereais farinhas e preparações (US\$ 345,4 milhões). O resultado positivo do semestre foi determinado pelo crescimento nas exportações de soja (mais US\$ 952,9 milhões; 44,2%), de carnes (mais US\$ 181,5 milhões; 19,2%) e de produtos florestais (mais US\$ 145,5; 33,2%). Contrariando a tendência de crescimento, o setor de cereais apresentou a maior queda absoluta no acumulado do ano (menos US\$ 45,1 milhões; -11,6%), em razão da redução das vendas externas de arroz.

No caso do complexo soja, o desempenho no acumulado do ano deveu-se ao crescimento nas exportações do grão (mais US\$ 644,1 milhões; 36,3%), do farelo (mais US\$ 227,5 milhões; 69,2%) e do óleo (mais US\$ 81,3 milhões; 147,6%). Apesar dos atrasos no plantio diante do clima seco, a produtividade da safra colhida em 2021 retornou à média acima das três toneladas por hectare, verificada desde 2017, mas abalada em 2020 devido à estiagem. Com uma produção de 20,3 milhões de toneladas de soja — a maior da história, e apenas o equivalente a 40% desse volume comercializado até o momento —, o desempenho exportador do setor promete atingir patamares significativamente elevados no segundo semestre de 2021. Além da safra recorde e dos preços em dólar com forte aceleração desde o segundo semestre de 2020, o câmbio desvalorizado tem garantido uma ótima rentabilidade em reais para o produtor nesta safra.

A *performance* do setor das carnes foi determinada pelo crescimento nas exportações da carne de frango (mais US\$ 95,6 milhões; 20,6%) e da carne suína (mais US\$ 84,8 milhões; 28,5%). Na origem desse crescimento no setor, está a demanda chinesa por proteínas, mais uma vez impulsionada devido a novos surtos de Peste Suína Africana (PSA) identificados no país. Enquanto, da China, chegam notícias que impactam positivamente o desempenho exportador do setor das carnes no Estado, da Arábia Saudita as sinalizações são de desaceleração das exportações. Em maio, a Arábia Saudita, segunda maior importadora de carne de frango do RS, com mais de um quarto das compras, suspendeu a permissão de exportação para 11 frigoríficos brasileiros, entre eles, quatro estão localizadas no Estado (Passo Fundo, Montenegro, Caxias do Sul e Nova Araçá). O impacto ainda não foi percebido nas exportações e irá depender da capacidade da indústria em redirecionar a produção para outros destinos.

Essa medida, somada a anteriores, que vigoram desde 2019, determinou que somente um estabelecimento gaúcho, localizado em Garibaldi, está habilitado a exportar carne de frango para a Arábia Saudita, segundo o Serviço de Inspeção Federal (SIF) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Dias após essa suspensão, as autoridades sauditas notificaram a Organização Mundial do Comércio (OMC) de que pretendem reduzir o prazo de validade da carne de frango congelada de um ano para apenas três meses. Essas medidas restritivas ao comércio internacional têm sido interpretadas como forma de pressão para que grandes grupos exportadores invistam no reino saudita. Desde 2016, a Arábia Saudita tem buscado ampliar a produção doméstica de frango, e o governo local projeta atingir 85% de autossuficiência até 2025.

Já no setor dos produtos florestais, que apresentou a terceira maior elevação absoluta no semestre, o desempenho deveu-se ao aumento nas exportações de madeiras em bruto e manufaturas de madeira (mais US\$ 71,8 milhões; 54,4%) e de celulose (mais US\$ 70,6 milhões; 23,9%). O Rio Grande do Sul tem atraído investimentos importantes para expandir a capacidade de produção de celulose, o que tende a repercutir favoravelmente nas exportações dos próximos anos.

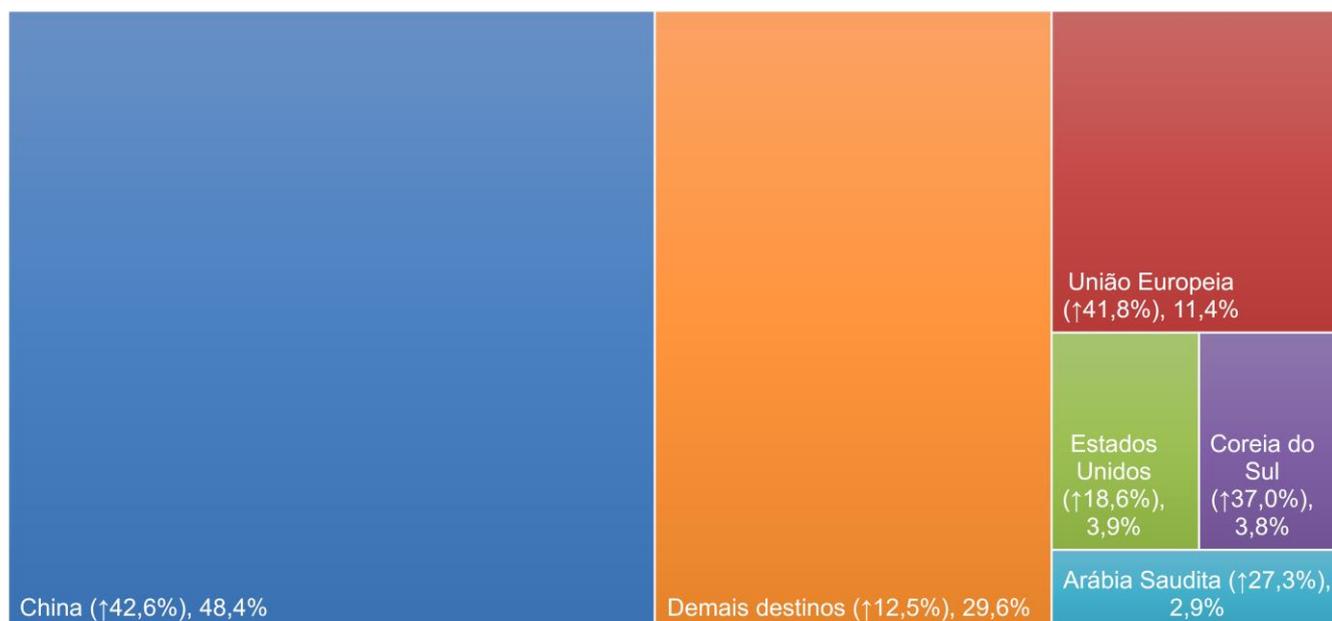


Contrariando a tendência geral de crescimento, o setor de cereais, farinhas e preparações apresentou redução no primeiro semestre. A queda no setor concentrou-se no arroz (menos US\$ 100,5 milhões; -41,7%). Após um ótimo desempenho exportador verificado em 2020, a demanda internacional desacelerou-se, o que tende a se refletir em queda no total comercializado, mesmo com uma safra maior (2,6% segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)). Os temores iniciais gerados pela chegada da pandemia impulsionaram as políticas de segurança alimentar nos países, resultando em mudanças na oferta e na demanda mundial do cereal. Pelo lado da oferta, importantes fornecedores mundiais, como Tailândia e Vietnã, restringiram os embarques em 2020. No que se refere à demanda, além da formação de estoques preventivos, é esperado um consumo mundial recorde neste ano, assim como foi em 2020. Em um contexto de pandemia, no qual uma parcela maior da população mundial passou a preparar suas refeições em casa, observaram-se mudanças nos hábitos alimentares que ampliaram a presença do arroz na cesta tradicional de consumo. Esse movimento, somado à desvalorização cambial, proporcionou uma abertura de mercados para o arroz gaúcho que não deve se repetir na mesma intensidade em 2021. No primeiro semestre de 2020, 59 países compraram o arroz gaúcho. No mesmo período de 2021, esse número caiu para 47. Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a parcela adicional do consumo mundial de arroz que deve ocorrer em 2021 será atendida principalmente pelas exportações da Índia, maior fornecedor mundial.

No que se refere aos destinos das exportações do agronegócio gaúcho no primeiro semestre de 2021, os cinco principais foram: China (48,4%), União Europeia (11,4%), Estados Unidos (3,9%), Coreia do Sul (3,8%) e Arábia Saudita (2,9%). Esses cinco destinos concentraram 70,4% do valor exportado no semestre. A China foi responsável pela maior elevação absoluta no valor das exportações gaúchas do agronegócio no acumulado de janeiro a junho (mais US\$ 956,0 milhões; 42,6%). Na sequência, aparecem União Europeia (mais US\$ 222,4 milhões; 41,8%), Irã (mais US\$ 113,7 milhões; 78.051,2%) e Coreia do Sul (mais US\$ 68,5 milhões; 37,0%).

Gráfico 4

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º sem./2021



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).

Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no primeiro semestre de 2021, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor do primeiro semestre de 2021, comparativamente a 2020.



A soja em grão foi o produto com melhor *performance* nas vendas para a China (mais US\$ 626,4 milhões; 36,7%), seguida do fumo não manufaturado (mais US\$ 102,7 milhões; 9.329,9%) e da carne suína (mais US\$ 70,3 milhões; 30,1%). Com uma oferta maior de soja no Estado e uma demanda firme da China, a tendência é de significativo crescimento nas vendas da oleaginosa para o país asiático neste ano. Embora o acordo comercial estabelecido em 2020 com os EUA empenhe a China a elevar as compras da soja norte-americana, ainda há espaço para compras de outras origens. Além dos estoques da oleaginosa historicamente baixos nos EUA, o que pode limitar suas exportações, espera-se uma demanda adicional por soja e milho no mercado mundial, devido aos novos surtos de PSA identificados na China. Para reduzir os riscos de contaminação, a China está substituindo seu modelo tradicional de produção por um padrão orientado segundo a lógica industrial, com a alimentação animal migrando de restos de comida para uma ração composta de proteína e energia.

No caso do setor de fumo e seus produtos, além da safra menor colhida em 2020 devido à estiagem, a pandemia e as medidas de isolamento limitaram os embarques para a China no primeiro semestre do ano passado (198 toneladas). No primeiro semestre de 2021, a China voltou a comprar o fumo proveniente do Rio Grande do Sul em quantidades suficientes (22 mil toneladas) para projetar um retorno à sua média anual histórica de importação de aproximadamente 40 mil toneladas.

Após as compras chinesas de carne suína apresentarem redução em janeiro e fevereiro, elas voltaram a crescer vigorosamente e alcançaram a marca histórica de 110,2 mil toneladas exportadas no primeiro semestre de 2021. Apesar das notícias de novas variantes da PSA sugerirem uma redução na velocidade de recuperação do rebanho chinês, as autoridades chinesas não confirmam essa expectativa, e os dados do USDA apontam para o crescimento da produção suína no país asiático, com redução proporcional de suas importações em 2021. Contudo, tendo em vista a magnitude dos potenciais impactos da PSA e as incertezas quanto ao tempo necessário para sua resolução, ainda há espaço para a continuidade das vendas gaúchas de carne suína para a China em 2021. Com a demanda interna no Brasil enfraquecida, as exportações têm sido um atenuante ao quadro de complexidades que o setor das carnes tem enfrentado, principalmente devido aos custos de produção majorados pelos preços dos grãos usados para a alimentação animal.

Para a União Europeia, o Irã e a Coreia do Sul, o crescimento nas vendas externas do agronegócio do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2021, concentrou-se no complexo soja. Nos casos da União Europeia e da Coreia do Sul, o produto em destaque foi o farelo de soja; já para o Irã, além do farelo, a soja em grão e o óleo de soja também colaboraram para o desempenho das vendas no semestre.

2 Emprego formal

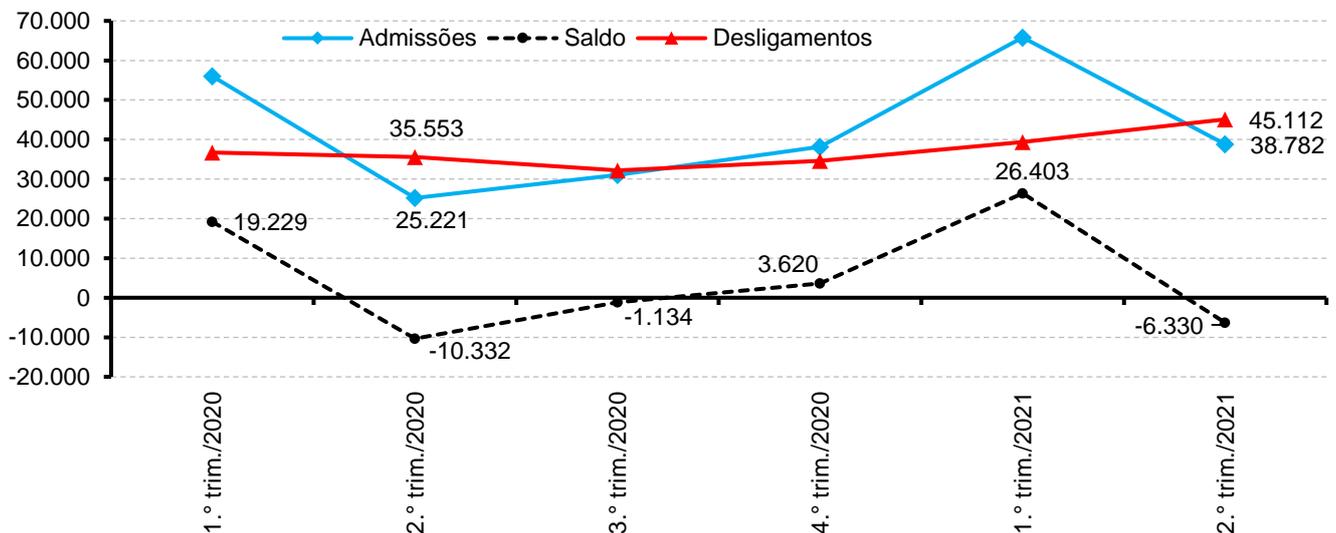
2.1 Emprego formal do agronegócio no segundo trimestre de 2021

No segundo trimestre de 2021, foi registrado saldo negativo de empregos formais no agronegócio do Rio Grande do Sul. O número de admissões (38.782) foi inferior ao de desligamentos (45.112), resultando na perda de 6.330 postos de trabalho com carteira assinada. Em 2020, no mesmo período, o saldo foi negativo em 10.332 empregos. Para o conjunto da economia gaúcha, em oposição ao agronegócio, o trimestre foi marcado pela continuidade do processo de geração de empregos, tendo sido criados 19 mil postos com carteira assinada de abril até junho.



Gráfico 5

Evolução do emprego formal celetista (admissões, desligamentos e saldo) do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2.º trim./2020-2.º trim./2021

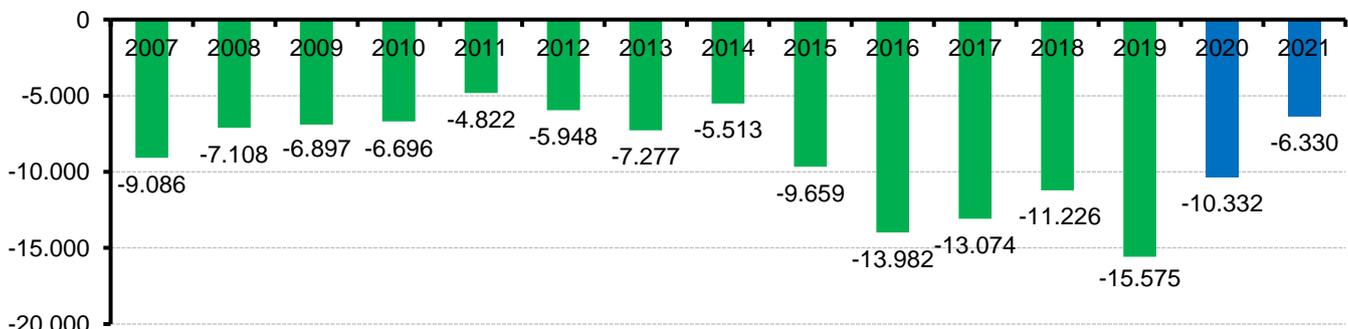


Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

O desempenho no segundo trimestre refletiu o movimento sazonal de desmobilização de mão de obra no agronegócio, que tipicamente se inicia no mês de abril. Com o encerramento da colheita da safra de verão e a consequente redução da demanda por trabalho nas atividades agroindustriais conexas, o agronegócio gaúcho historicamente registra saldo negativo de empregos formais nos meses do segundo e do terceiro trimestre. No segundo trimestre de 2021, a perda de empregos foi inferior à registrada em 2020, principalmente em razão do desempenho das indústrias de máquinas agrícolas e do couro, além do setor atacadista de produtos agroindustriais, que se beneficiou da recuperação da produção agrícola no RS, após um ciclo de forte estiagem.

Gráfico 6

Evolução do saldo de empregos no agronegócio do Rio Grande do Sul — 2.º trim. 2007-21



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

2. Os dados até 2019 são do Caged; a partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged. A rigor, essas séries não são diretamente comparáveis.

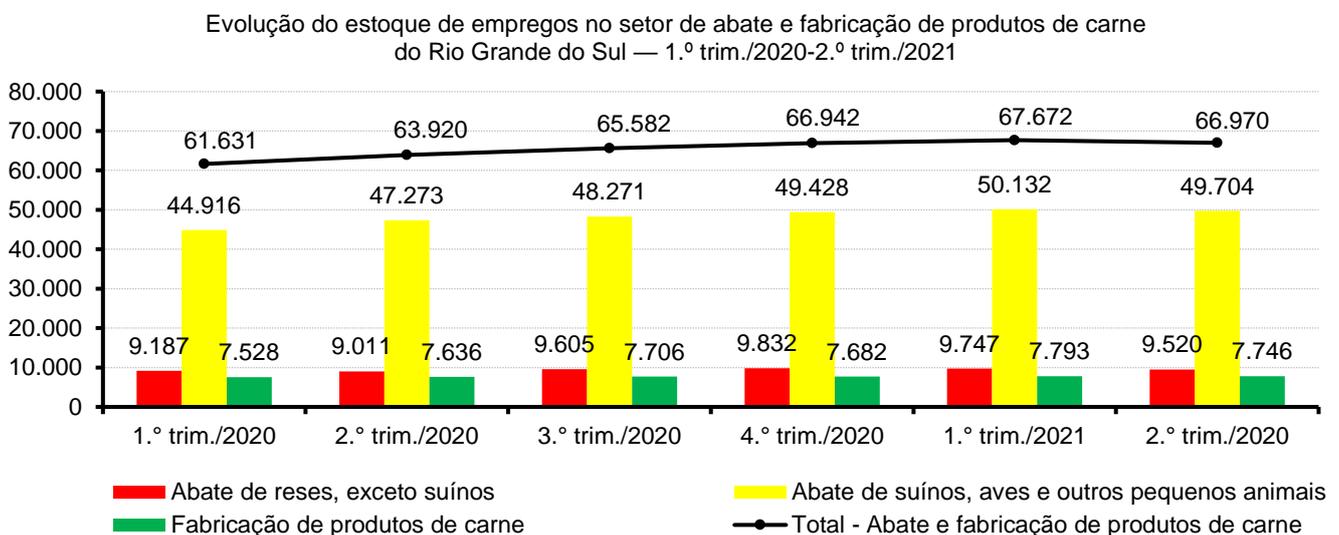
Entre os três segmentos do agronegócio gaúcho, apenas o “antes da porteira” — constituído por setores dedicados ao fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos para a agropecuária — registrou saldo positivo (mais 1.969 postos). Nesse segmento, o principal responsável pela continuidade na



geração de postos de trabalho foi o setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos de uso agropecuário (mais 1.550 postos). Desde o terceiro trimestre de 2020, a produção nacional de máquinas agrícolas está em recuperação, após ser gravemente afetada nos primeiros meses da pandemia. A produção de grãos recorde no Brasil, as ótimas margens de rentabilidade das duas últimas safras, a queda nas taxas de juros e a elevação dos preços agrícolas são fatores de estímulo à aquisição de novas máquinas pelos produtores brasileiros. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021a), no primeiro semestre de 2021, a produção nacional de máquinas e equipamentos de uso agropecuário subiu 54,5% em relação a igual período de 2020. Considerando o aquecimento da demanda interna, o crescimento nas vendas poderia ter sido ainda maior. A indústria defrontou-se com um quadro de escassez e encarecimento de insumos básicos, que freou o ritmo de recuperação. O Rio Grande do Sul, que responde pela maior parcela da produção nacional de máquinas agrícolas, foi beneficiado pela expansão da demanda nacional de máquinas, o que se refletiu no mercado de trabalho. Desde junho de 2020, o setor registra saldos positivos de emprego, totalizando 5.208 postos criados até junho de 2021.

O segmento “depois da porteira”, composto predominantemente por atividades agroindustriais, liderou a perda de postos de trabalho no segundo trimestre (menos 4.432 postos). O principal setor responsável pelo resultado foi o de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais, que fechou 3.317 postos de trabalho no período. Na sequência, aparece o setor de moagem e fabricação de produtos amiláceos (menos 1.938 postos), que tem no beneficiamento do arroz a sua principal atividade no Rio Grande do Sul. Além desses setores, cujo desempenho é explicado principalmente por fatores sazonais relacionados ao encerramento da safra de verão, chama atenção a perda de empregos na indústria de abate e fabricação de produtos de carne (menos 702 postos), que é o principal setor empregador do agronegócio gaúcho. Desde o primeiro trimestre de 2020, o setor de carnes registrava recordes seguidos de empregos no Estado, porém os frigoríficos dedicados exclusivamente ao atendimento do mercado doméstico passaram a enfrentar um ambiente cada vez mais desafiador, criado pela queda no consumo *per capita* das carnes bovina e suína no Brasil e pelo aumento dos custos de produção. A alta das cotações dos principais insumos para a produção de carnes (milho e soja) foi especialmente crítica para as empresas de médio e pequeno porte, que operam com custos médios mais elevados.

Gráfico 7



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: O estoque é estimado através da combinação dos dados do Novo Caged e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).



No segmento “dentro da porteira”, constituído pelas atividades agropecuárias, foram perdidos 3.867 empregos formais no segundo trimestre. O setor de produção de lavouras permanentes foi o principal destaque (menos 3.372 postos), em decorrência do encerramento da colheita da maçã nas regiões da Serra e dos Campos de Cima da Serra.

Na Tabela 1, estão detalhadas as informações dos setores com maior criação e perda de postos de trabalho no agronegócio gaúcho no segundo trimestre de 2021. Em relação a 2020, os setores que mais melhoraram o saldo de empregos foram os de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários, de curtimento e preparações de couro e de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais. Por outro lado, os setores cuja diferença entre os saldos ficou mais negativa foram os de abate e preparação de produtos de carne, de fabricação de produtos do fumo e de produção de lavouras permanentes.

Tabela 1

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no Rio Grande do Sul — 2.º trim./2020 e 2.º trim./2021

SETORES	SALDO		DIFE-RENÇA
	2.º Trim./2020	2.º Trim./2021	
Menores saldos			
Produção de lavouras permanentes	-2.632	-3.372	-740
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais	-4.492	-3.317	1.175
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	-1.687	-1.938	-251
Abate e fabricação de produtos de carne	2.289	-702	-2.991
Produção de lavouras temporárias	-526	-294	232
Apoio a agropecuária e a produção florestal	-389	-182	207
Laticínios	-183	-160	23
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	-274	-152	122
Maiores saldos			
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	-395	1.550	1.945
Fabricação de produtos de fumo	2.315	987	-1.328
Fabricação de produtos intermediários de madeira	-323	593	916
Fabricação de adubos e fertilizantes	452	353	-99
Fabricação de massas alimentícias	6	157	151
Fabricação de conservas	-122	149	271
Produção florestal	-264	113	377
Comércio atacadista e aluguel de equipamentos para uso agropecuário ...	-136	59	195
Curtimento e preparações de couro	-1.691	53	1.744
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	-10.332	-6.330	4.002

Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

2.2 Emprego formal do agronegócio no primeiro semestre de 2021

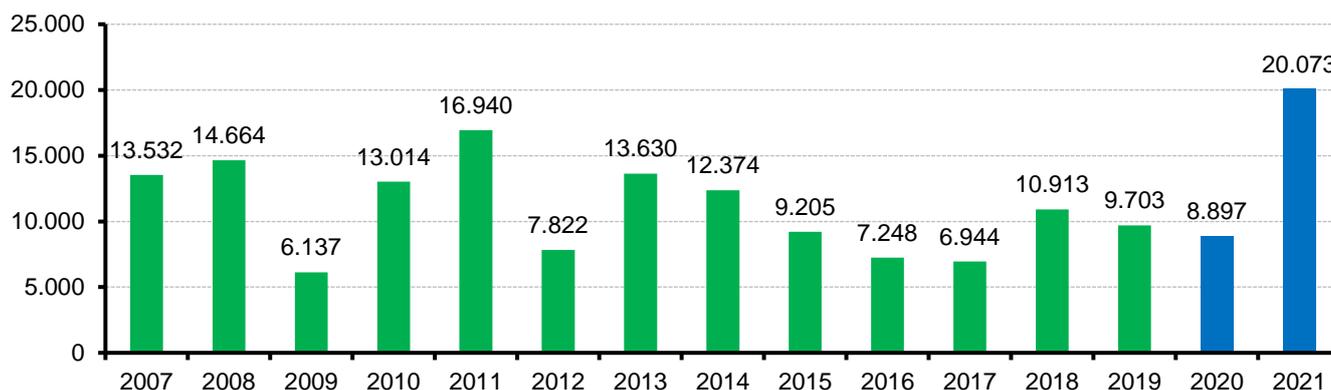
No encerramento do primeiro semestre de 2021, havia 356.861 vínculos ativos de emprego com carteira assinada no agronegócio do Rio Grande do Sul. Apesar da perda de empregos no segundo trimestre, o saldo continua positivo no acumulado do ano. Entre janeiro e junho, o número de admissões (104.592) foi superior ao de desligamentos (84.519), resultando na criação de 20.073 postos de trabalho com carteira assinada no setor. Em igual período do ano anterior, foram criados 8.897 postos de trabalho no agronegócio gaúcho. No conjunto da economia gaúcha, o saldo também é positivo, tendo sido criados



93.139 postos de trabalho no primeiro semestre. Portanto, cerca de 22% do total de empregos formais no Rio Grande do Sul, em 2021, foram gerados em atividades do agronegócio.

Gráfico 8

Evolução do saldo de empregos no agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º semestre 2007-21



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

2. Os dados até 2019 são do Caged; a partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged. A rigor, essas séries não são diretamente comparáveis.

Seguindo o padrão sazonal, o setor com a maior criação de empregos no primeiro semestre de 2021 foi o de fabricação de produtos do fumo (9.824 postos). Concentrado na região do Vale do Rio Pardo, historicamente, esse setor aumenta as contratações temporárias até o final do segundo trimestre, quando se reduz a necessidade de mão de obra para o processamento da matéria-prima agrícola. O número de vagas geradas no setor, em 2021, foi praticamente equivalente ao observado em igual período de 2020 (9.879 postos), apesar de a produção de fumo ter crescido 20,6% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021). Vale referir que, em 2020, como desdobramento do prolongamento da pandemia de Covid-19, houve um alargamento da janela de processamento do fumo, que se refletiu em uma dinâmica atípica de mobilização e desmobilização de mão de obra no segundo semestre.

O setor com a segunda maior criação de empregos no semestre foi o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários (3.466 postos). As principais fontes de expansão da produção e do emprego nesse setor foram referidas anteriormente, e as perspectivas continuam promissoras. Portanto, não se trata de um movimento sazonal. A disposição e a capacidade de investimento dos agricultores brasileiros em novas tecnologias aqueceram o mercado de máquinas. A concretização de um cenário de controle da pandemia e melhora nos indicadores de saúde tende a contribuir para a superação de gargalos nas cadeias de suprimentos, surgidos no último ano no setor. O desabastecimento de insumos e peças pressionou os custos de produção e gerou atrasos no atendimento da demanda dos agricultores. Superadas essas limitações, a expectativa é de intenso nível de atividade nessa indústria no segundo semestre, com repercussões favoráveis para o emprego.

Na sequência, em ordem decrescente de número de empregos gerados no semestre, aparecem os setores de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais (2.406 postos), de fabricação de produtos intermediários de madeira (1.073 postos) e de produção de lavouras permanentes (901 postos).



Tabela 2

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no
Rio Grande do Sul — 1.º sem./2020 e 1.º trim./2021

SETORES	SALDO		DIFE- RENÇA
	1.º Sem./2020	1.º Sem./2021	
Menores saldos			
Fabricação de conservas	-1.391	-1.196	195
Laticínios	-303	-111	192
Pecuária	183	-71	-254
Maiores saldos			
Fabricação de produtos de fumo	9.879	9.824	-55
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	76	3.466	3.390
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais	-631	2.406	3.037
Fabricação de produtos intermediários de madeira	33	1.073	1.040
Produção de lavouras permanentes	666	901	235
Fabricação de adubos e fertilizantes	590	551	-39
Curtimento e preparações de couro	-1.371	457	1.828
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	473	440	-33
Produção florestal	-199	418	617
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	74	248	174
Comércio atacadista de insumos agropecuários	80	229	149
Apoio a agropecuária e a produção florestal	-389	211	600
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	8.897	20.073	11.176

Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

Por outro lado, os setores com maior perda de empregos no semestre foram os de fabricação de conservas (-1.196 postos) e laticínios (-111 postos). Sobre esse último setor, a desmobilização de mão de obra é associada à entrada do inverno e a conseqüente redução do consumo de sorvetes. Porém, a indústria do leite também se defronta com um ambiente desafiador. A menor disponibilidade da matéria-prima gerou uma pressão de custos (alta nos preços pagos ao produtor de leite), e o baixo dinamismo da demanda doméstica por produtos lácteos impôs limitações importantes para o repasse aos preços ao consumidor.

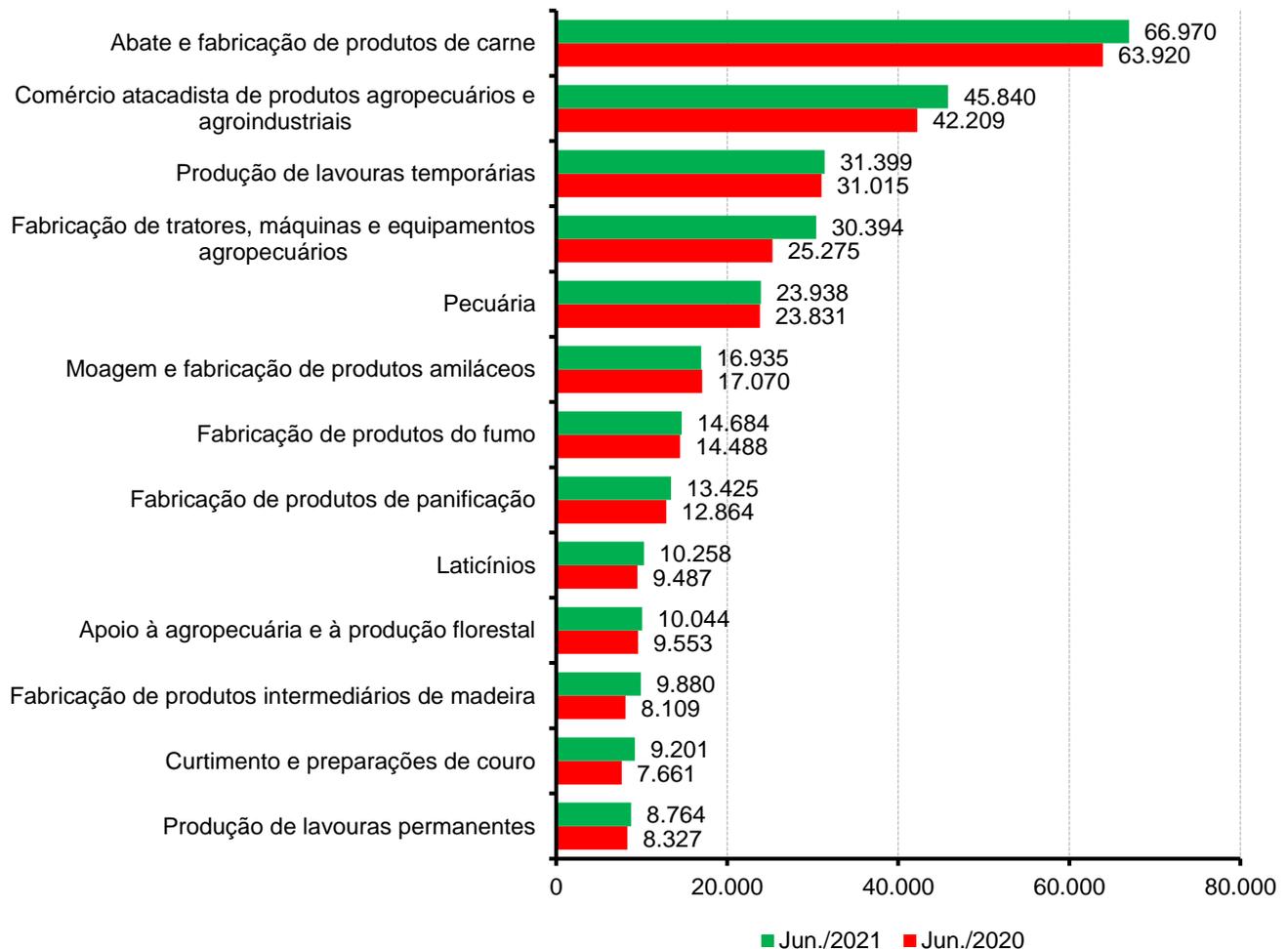
Na indústria de abates, foi interrompida a seqüência de seis trimestres consecutivos de intensa geração de postos de trabalho no RS. Ainda assim, o setor encontra-se muito próximo do maior nível de empregos da série histórica, com 66.970 vínculos ativos. A desaceleração na geração de empregos nesse setor pode ser interpretada como um desdobramento da alta nos custos de produção e da ainda enfraquecida demanda interna de carnes bovina e suína.

Ao final do primeiro semestre de 2021, os setores com maior estoque de empregos formais no agronegócio gaúcho eram os de abate e fabricação de produtos de carne, de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais, de produção de lavouras temporárias e de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários. Entre os 13 principais setores empregadores do agronegócio gaúcho, apenas o de moagem e fabricação de produtos amiláceos registrou saldo negativo de empregos no acumulado dos últimos 12 meses. Nesse período, os setores líderes em criação de empregos foram os de fabricação de máquinas agrícolas, de comércio atacadista e de abate e fabricação de produtos de carne.



Gráfico 9

Estoque de empregos formais celetistas nos principais setores empregadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — jun./2020 e jun./2021



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (BRASIL, 2021a).

Nota: O estoque é estimado através da combinação das informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Para o segundo semestre de 2021, no conjunto do agronegócio gaúcho, a tendência é de registro de saldos negativos de emprego formal, especialmente na indústria fumageira. No setor de carnes, a retomada da geração de postos de trabalho está condicionada aos fluxos de exportação e à recuperação da demanda doméstica. Nas lavouras temporárias, mantidas as atuais condições mercadológicas, persistirá um forte estímulo para a ampliação da área das principais culturas no próximo ano safra. Esse cenário vale para o Rio Grande do Sul e para o Brasil, o que também contribui para o aumento das contratações nos setores fabricantes de máquinas e de insumos.



Referências

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria de Comércio Exterior. **Comex Stat**. [Brasília, DF]: MICES, 2021. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 5 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho**. [Brasília, DF]: Secretaria de Trabalho, 2021a. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged?view=default>. Acesso em: 5 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática — SIDRA**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA: junho 2021. [Brasília, DF]: IBGE, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/brasil>. Acesso em: 5 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática — SIDRA**: Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física: junho 2021. [Brasília, DF]: IBGE, 2021a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3650>. Acesso em: 5 ago. 2021.

Apêndice

Tabela A.1

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2.º trim./2021

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %	VARIÇÃO			
			US\$ FOB	Valor (%)	Volume (%)	Preço (%)
Soja	2.795.384.750	61,10	1.006.314.696	56,2	8,6	43,9
Soja em grão	2.304.649.324	50,40	788.742.045	52,0	6,4	42,9
Farelo de soja	367.178.666	8,00	145.747.505	65,8	21,3	36,7
Óleo de soja	123.556.760	2,70	71.825.146	138,8	18,8	101,1
Carnes	614.328.105	13,40	121.899.092	24,8	11,6	11,8
Carne de frango	305.979.079	6,70	90.559.175	42,0	14,2	24,4
Carne suína	214.112.678	4,70	45.117.758	26,7	21,8	4,0
Carne bovina	65.725.333	1,40	-13.782.786	-17,3	-25,5	10,9
Produtos florestais	342.886.086	7,50	122.297.224	55,4	57,7	-1,4
Celulose	213.332.649	4,70	63.022.878	41,9	-5,8	50,6
Fumo e seus produtos	241.275.282	5,30	-5.086.306	-2,1	7,7	-9,0
Fumo não manufaturado	208.096.379	4,50	-9.941.545	-4,6	0,2	-4,8
Couros e peleteria	121.801.221	2,70	65.208.244	115,2	50,2	43,3
Couros e peles	109.070.971	2,40	58.286.132	114,8	48,8	44,3
Máquinas e implementos agrícolas	108.739.317	2,40	60.778.106	126,7	119,4	3,3
Tratores agrícolas	60.516.134	1,30	37.886.384	167,4	147,2	8,2
Cereais, farinhas e preparações	102.027.251	2,20	-87.142.004	-46,1	-60,2	35,7
Arroz	81.530.676	1,80	-99.454.356	-55,0	-63,6	23,7
Milho	6.015.165	0,10	6.014.975	3.165.776,3	18.642.368,6	-83,0
Trigo	0	0,00	-4.686.919	-100,0	-100,0	-
TOTAL	4.576.193.831	100,00	1.352.587.733	42,0	10,0	29,0

Fonte dos dados Brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).

Nota: Elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).



Tabela A.2

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º sem./2021

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPA- ÇÃO %	VARIAÇÃO			
			(US\$ FOB)	Valor (%)	Volume (%)	Preço (%)
Soja	3.110.856.850	47,0	952.872.005	44,2	1,3	42,3
Soja em grão	2.418.423.455	36,6	644.055.536	36,3	-3,5	41,2
Farelo de soja	556.063.665	8,4	227.516.790	69,2	23,5	37,0
Óleo de soja	136.369.730	2,1	81.299.679	147,6	27,0	95,0
Carnes	1.129.304.978	17,1	181.539.906	19,2	10,5	7,8
Carne de frango	559.816.381	8,5	95.580.487	20,6	5,8	14,0
Carne suína	382.160.045	5,8	84.757.750	28,5	29,5	-0,7
Carne bovina	132.834.066	2,0	503.153	0,4	-7,0	8,0
Fumo e seus produtos	600.333.481	9,1	72.163.855	13,7	25,9	-9,7
Fumo não manufaturado	537.241.757	8,1	63.077.769	13,3	22,0	-7,1
Produtos florestais	583.388.718	8,8	145.485.723	33,2	45,5	-8,5
Celulose	365.628.349	5,5	70.607.967	23,9	3,0	20,4
Madeiras em bruto e manufaturas de madeira	203.754.436	3,1	71.782.347	54,4	81,3	-14,8
Cereais, farinhas e preparações	345.363.526	5,2	-45.136.587	-11,6	-20,4	11,1
Arroz	140.428.764	2,1	-100.531.334	-41,7	-52,8	23,5
Trigo	121.094.030	1,8	59.994.021	98,2	83,5	8,0
Milho	62.354.810	0,9	-20.626.903	-24,9	-42,1	29,8
Couros e peleteria	223.759.434	3,4	85.191.821	61,5	35,7	19,0
Couros e peles	201.011.723	3,0	76.054.569	60,9	34,8	19,3
Máquinas e implementos agrícolas	170.448.455	2,6	65.920.347	63,1	66,7	-2,2
Tratores agrícolas	90.017.656	1,4	43.369.248	93,0	87,7	2,8
TOTAL	6.613.193.467	100,0	1.544.935.702	30,5	6,9	22,0

Fonte dos dados Brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior (BRASIL, 2021).

Nota: Elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).

